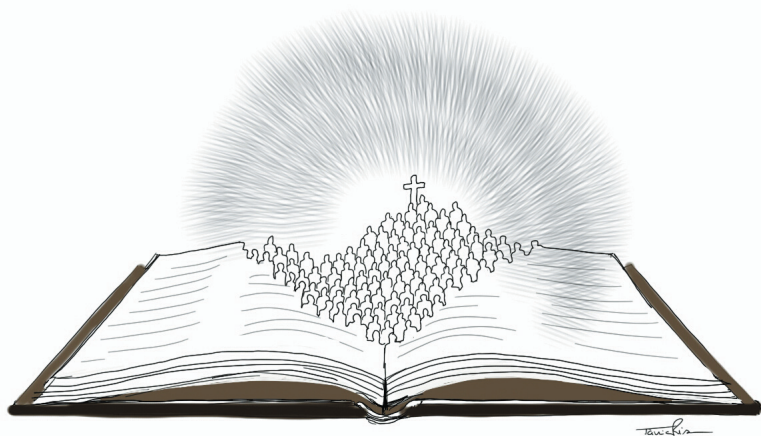


CARTA PASTORAL

2014/2015



Ano da Bíblia

«confio-vos a Deus e à Palavra» (At 20, 32)



Confiados à Palavra

Aos Presbíteros, Diáconos, Consagrados e Consagradas, famílias cristãs e a todo o Povo de Deus que peregrina nesta santa Igreja de Bragança-Miranda: a graça e a alegria de Cristo *Caminho, Verdade e Vida*, estejam em cada um de vós.

Queremos viver o Ano pastoral 2014/15 como um tempo mais dedicado e favorável à escuta da Palavra, chamando-lhe o Ano da Bíblia, no amplo projecto pastoral até 2017 sob o convite: (re)partir de Cristo nos caminhos da missão.

A Igreja está confiada à Palavra de Deus e não a Palavra à Igreja. S. Paulo di-lo claramente na despedida que em Mileto fez aos presbíteros-bispos (anciãos) da Igreja de Éfeso: «*e agora, confio-vos a Deus e à Palavra da sua graça que tem o poder de construir o edifício e de vos conceder parte na herança com todos os santificados*» (At 20,32). Somos, por isso, confiados à Palavra, amigos da Palavra e podemos alcançar a herança dos santos, obedecendo à fé da Igreja e dando testemunho do Evangelho da graça de Deus (cf. At 20,24).

O nosso projecto pastoral une-se igualmente à iniciativa do Papa Francisco, que proclamou o ano 2015 como “O Ano da Vida Consagrada”, para celebrar os 50 anos do decreto *Perfectae Caritatis* (PC) do Concílio Vaticano II sobre a conveniente renovação da vida religiosa. Acresce ainda que a nossa Diocese acolhe a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, de 12 a 26 de Julho de 2015, em ordem à celebração do centenário das aparições em 2017.

Todos estamos confiados à Palavra feita pessoa em Jesus Cristo. Ela seja o encanto, a alegria do nosso coração (cf. Jer 15,16) e alimente o nosso peregrinar em Cristo.



1. A Palavra de Deus escrita

Mas o que é a Bíblia? É verdade; é revelação; é transmissão da revelação na verdade. É palavra inspirada, conservada e transmitida pela Tradição e Magistério da Igreja.

Falamos muitas vezes de Bíblia e de Palavra de Deus, o que entendemos, a que coisa nos referimos? O termo Bíblia, com raiz grega expressa o exterior, a forma, é um livro que contém uma biblioteca. Esta divide-se em duas partes principais Antigo Testamento e Novo Testamento, contendo cada uma dela diversos livros. Palavra de Deus, expressa o conteúdo, aquilo que está contido nesta biblioteca, nos diversos livros: a Palavra de Deus.

Como palavra inspirada deve também ser interpretada. A Bíblia, (é) Palavra de Deus expressa em linguagem humana. Devemos estar atentos ao seu género literário e ao seu contexto, para melhor compreender a sua mensagem. «*A Palavra de Deus é a árvore da vida, que de todos os lados oferece um fruto bendito*» (St. Efrém, Diácono).

O ser humano aprende a palavra como meio de comunicação, aprende a dizer-se a si e ao mundo que o rodeia. Uma criança aprende a língua dos seus pais, aprende a repetir as palavras e descobre que aquelas palavras são eficazes, equivalem a coisas e conceitos e resolvem dificuldades. A palavra inclui a beleza da confiança e do amor, a prece e a certeza de ser atendido. É isto que vemos no rosto de uma criança que diz ao pai ou à mãe “tenho fome”, “tenho frio”, formulando estas frases com as palavras que aprendeu dos pais. No momento em que usa as palavras, ensinada pelos pais, tem já a certeza que será ouvida, a confiança que os pais são o auxílio seguro. O mesmo acontece com o cristão que reza lendo a Bíblia.

Quando lemos a Sagrada Escritura estamos em oração. Rezando com uma passagem bíblica, dirigimos a nossa palavra a Deus: a) aquela palavra é nossa; b) além de nossa

é do hagiógrafo, quer dizer, do escritor que a escreveu; c) como a Sagrada Escritura é inspirada, é Palavra de Deus. Nós dirigimo-nos a Deus usando as palavras que Ele nos deu e ensinou. Tal como a criança tem a firmeza que é atendida usando as frases usadas pelos pais, também o cristão tem esta confiança.

Não é apenas a minha palavra dirigida a Deus; é a de todos os seus filhos que hoje rezam; não apenas hoje, mas a de todos aqueles que desde a redacção do texto o usaram para se dirigir a Deus. A Palavra de Deus é uma corrente imensa de preces e louvores dirigidos a Deus, e um oceano imenso de graça derramado sobre a humanidade.

Gostaria que cada cristão pudesse rezar esta palavra do livro dos Salmos: «*A vossa Palavra, Senhor, é luz dos meus caminhos*» (Sl 118,105); que lesse e conhecesse as Escrituras. Quem conhece as Escrituras tem um instrumento para rezar melhor.

Rezar, estar em oração, é uma atitude do crente e do discípulo. O terceiro cântico do Servo, no livro do profeta Isaías, expressa, em primeiro lugar, esta atitude de discípulo, de fé e de oração: «*O Senhor Deus ensinou-me o que devo dizer, para saber dar palavras de alento aos desanimados. Cada manhã desperta os meus ouvidos, para que eu aprenda como os discípulos. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos, e eu não resisti, nem recusei*» (Is 50,4-5). A Palavra de Deus é bela, tão bela, quando se descobre o que ela quer comunicar. Esta passagem diz-nos que a Palavra de Deus não é um texto morto e sem sentido, mas vivo; é ensinamento e por isso útil para a minha vida, para a vida daqueles que estão sem alento. Esta aprendizagem é feita a cada manhã.

Na Bíblia a manhã é o tempo da manifestação da graça de Deus. É Ele que nos oferece esta possibilidade. Os discípulos e os santos compreenderam porque aprenderam. Aquilo que Deus oferece é que, eu e tu, possamos aprender, para compreender e viver como os discípulos e

os santos, a plenitude do Amor e da Alegria. Diante desta proposta nenhum de nós tem coragem de resistir ou recuar.

Mas como agir para conciliar a oração com a leitura da Bíblia? A oração é a história de quem? A história de um Pai que escuta e fala ao seu filho. A história de um filho que escuta e fala ao seu Pai; e este filho sou eu, este filho és tu, cristão amado, pois seguimos o exemplo do Filho primogénito, Jesus Cristo, que nos ensina a escutar e a chamar a Deus: Pai.

A oração do Pai-nosso (Mt 6,9-13; Lc 11,2-4) é Palavra de Deus; é o exemplo por excelência da Palavra rezada; dizemo-la com confiança na Eucaristia, nas Laudes, nas Vésperas, nas celebrações comunitárias e na nossa oração privada. Por outro lado, a Palavra de Deus tem conosco uma ligação sacramental: no Baptismo, que recebemos em criança, o sacerdote ou diácono dizendo a oração *Effetha*, pediu a Jesus uma graça para nós, a graça do Espírito Santo de em breve podermos ouvir a sua palavra e professar a fé para louvor e glória de Deus Pai.

Em cada domingo, escutamos a Liturgia da Palavra e professamos a alegria da fé. A Bíblia na Liturgia chama-se leccionário e é parte integrante do Missal e de toda a oração da Igreja. O próprio Jesus Cristo «*está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura*» (*Sacrosanctum Concilium* 7). A Palavra de Deus, constantemente anunciada na Liturgia, permanece viva e eficaz para a vida da Igreja.

A Igreja é a casa da Palavra, porque é comunidade chamada pela voz do seu Senhor. De facto, a Igreja escuta, proclama e vive a Palavra, sendo a Liturgia o lugar privilegiado para essa comunicação: «*Considerando a Igreja como 'casa da Palavra', deve-se, antes de tudo, dar atenção à Liturgia sagrada, que constitui, efectivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente da nossa vida: fala hoje ao seu povo, que escuta e responde*» (*Verbum Domini* 52).

A proclamação das leituras no Ambão é a leitura dos textos escritos de modo claro, público, solene para os tornar compreensíveis. Um princípio fundamental no ordenamento das leituras na Eucaristia é o de nunca ser permitido omitir, diminuir ou substituir as leituras bíblicas por outras leituras não bíblicas. A leitura do Evangelho é o ponto máximo da Liturgia da Palavra, que é preparado pela proclamação das outras leituras do Antigo testamento e do Novo Testamento. Se houver admonições, estas deverão ser simples, fiéis aos textos, breves e bem preparadas.

Na bênção que se concede no rito da instituição de um Leitor, invoca-se: «*concedei que, meditando assiduamente a vossa Palavra, nela seja instruído e fielmente a anuncie aos seus irmãos*», tem a missão de «*anunciar fielmente a Palavra de Deus, para que ela seja cada vez mais viva no coração dos homens*». Ainda mais expressivo é o rito da entrega do livro dos Evangelhos na Ordenação dos Diáconos, quando o Bispo diz: «*recebe o Evangelho de Cristo, que tens missão de proclamar. Crê o que lês, ensina o que crês e vive o que ensinas*», como um programa de santidade assente na Palavra.

A Bíblia abarca as mais diversas e difíceis experiências que fazem parte da vida do homem: a alegria, a morte, a dor, a perseguição, a partilha; em todas Deus está presente, é auxílio e salvador. A Igreja vive com e em cada um dos seus membros a plenitude da vida humana, através de Jesus Cristo o Verbo Encarnado.

Todo o homem deve conhecer a Sagrada Escritura, como diz são Jerónimo: «*a ignorância da sagrada Escritura é ignorância de Cristo*», que estava bem ciente de que a Bíblia é o instrumento «*pelo qual diariamente Deus fala aos crentes*». Por isso, todo o cristão deve alicerçar sobre ela a sua vida, o seu trabalho, a sua reflexão e a sua oração pessoal e comunitária.

2. A Palavra de Deus, hoje

Hoje, tal como em outras épocas da Igreja, a Palavra de Deus ilumina o homem e é objecto de reflexão; os métodos da exegese e estudo científico da Bíblia são úteis, mas o melhor e mais antigo dos métodos é lê-la com fé.

Não é fácil a leitura da Bíblia; exige algum tempo para criar laços de afecto e facilidade de utilização. Muitas vezes precisamos de alguém que nos ajude. É a resposta que o Etíope dá a Filipe: «*Como poderei compreender sem alguém que me explique?*» (At 9,31). Atenta a esta necessidade natural de compreender e explicar a Palavra de Deus, a Igreja, reunida no Concílio Vaticano II, elaborou a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV), que a todos aconselhamos a sua leitura. Atentos a esta realidade, os Bispos escrevem as suas catequeses e organizam diversas actividades bíblicas, os Párocos fazem as suas homilias; os Catequistas, Professores de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) e outros responsáveis de grupos juvenis e de reflexão procuram formar e instruir em contacto com a Palavra de Deus.

Hoje, perguntamos como São João Paulo II: «Em que medida a Palavra de Deus se tornou mais plenamente alma da teologia e inspiradora de toda a existência cristã, como pedia a *Dei Verbum*?».

Este precioso documento do Concílio Vaticano II sobre a Palavra de Deus, começa com estas palavras que gostaria de vos recordar e sublinhar: «*O sagrado Concílio, ouvindo religiosamente a Palavra de Deus proclamando-a com confiança, faz suas as palavras de S. João: «anunciamo-vos a vida eterna, que estava junto do Pai e nos apareceu: anunciamo-vos o que vimos e ouvimos, para que também vós vivais em comunhão connosco, e a nossa comunhão seja com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo» (1 Jo 1,2-3). Por isso, segundo os Concílios Tridentino e Vaticano I, entende propor a genuína doutrina sobre a Revelação divina e a sua transmissão, para que o mundo inteiro, ouvindo,*

acredite na mensagem da salvação, acreditando espere, e esperando ame» (DV 1).

Este texto, que cita o Apóstolo João, fala-nos de ouvir, ver, tocar e contemplar o Verbo da Vida, Jesus Cristo. Por isso, a Igreja existe neste tríplice gesto: ouvir religiosamente; proclamar com confiança o que se escuta; viver em comunhão.

Por tudo isto, ouvir, conhecer, entender e partilhar a Palavra de Deus contida na Bíblia, é para nós um direito e um dever. É um caminho que nos conduz a Cristo.

3. Ouvir religiosamente a Palavra

Deus fala-nos como a amigos, convivendo connosco e convidando-nos à comunhão com Ele, mas o risco de o homem ter medo diante da Palavra de Deus é grande. Já nas origens, quando o Senhor Deus chamou o homem e lhe perguntou: Onde estás? O homem ouve a Palavra de Deus e tem medo, esconde-se (cf. Gn3, 9-10).

Ouvir, é sempre o primeiro passo para dialogar. O homem escuta Deus; mas, quando fala, tem também a certeza que Deus o ouve, como aconteceu com Abraão (Gn19,17ss).

Temos, contudo, necessidade de alguém que nos ajude a compreender que é Deus quem fala, tal como Samuel (1Sm 3,7-10).

A cultura bíblica transmite-nos esta atitude da escuta, antes de mais, pela oração diária de todo o bom judeu, que reza o Schemà, conforme o livro do Deuteronomio:

«Escuta, Israel! O SENHOR é nosso Deus; o SENHOR é único! Amarás o SENHOR, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Estes mandamentos que hoje te imponho estarão no teu coração. Repeti-los-ás aos teus filhos e reflectirás sobre eles, tanto sentado em tua casa, como ao caminhar, ao deitar ou ao levantar. Atá-los-ás, como símbolo, no teu braço e usá-los-ás como filactérias entre os teus olhos.

Escrevê-los-ás sobre as ombreiras da tua casa e nas tuas portas» (Dt 6, 4-9; 11,13-21).

Ouvir os profetas é o grande desafio de todos os tempos. Igualmente, os filhos escutarem os pais e os discípulos escutarem o mestre.

A centralidade da Palavra na vida e na missão da Igreja é indiscutível, todavia o primado cabe à coragem da escuta da Palavra. Recordemos as palavras de S. Bento, o nosso padroeiro: *«Escuta, filho, os preceitos do mestre, e inclina o ouvido do teu coração»*. Aqui se fundamenta a obediência da fé, que é, antes de tudo, saber escutar para realizar a Palavra de Deus. A atitude fundamental própria do homem diante de Deus, que fala, é a fé.

Ser ouvinte da Palavra, significa um confronto permanente da Palavra com a existência e vice-versa. Para tal exige-se tempo, estudo, oração, contemplação. Com efeito, a evangelização nasce da escuta. A escuta é uma arte a cultivar, para viver segundo a lei escrita no coração (cf. Rm 2, 15). Escutar a Palavra é ser acolhido pela Palavra e aqui acontece o encontro.

«Escutai-O» (Mc 9,7; Mt 17,5), é a voz vinda do Silêncio, de Deus Pai, que se ouve no Batismo de Jesus Cristo no rio Jordão e na sua Transfiguração no monte Tabor. É o imperativo de Jesus: quem tiver ouvido, oiça. Disso testemunham as parábolas contadas por Jesus.

Se no princípio era o Verbo para Deus, para o homem, no princípio é a escuta. A escuta é, com efeito, o lugar da conversão do coração no silêncio. O silêncio tem de ser ouvinte como o silêncio eloquente de uma catedral, conforme o poema de Sophia de Mello Breyner:

*«escuto mas não sei
Se o que oiço é silêncio
Ou deus (...)
Apenas sei que caminho como quem
É olhado amado e conhecido*

*E por isso em cada gesto ponho
Solenidade e risco».*

Ouvir em comunidade. O cristão já vê realizado o conteúdo da Promessa escutada pelo povo de Israel no Antigo Testamento. Hoje, temos a urgência e a necessidade de quem recontar a Verdade na Verdade. A pregação da Palavra faz surgir a fé, como diz S. Paulo: *«a fé vem da pregação, e a pregação pela palavra de Cristo»* (Rm 10, 17).

Vivemos um tempo com situações novas, não apenas uma época de mudanças mas uma mudança de época: relativismo, fundamentalismos, pluralismo religioso, indiferença, uma crescente religiosidade imatura e supersticiosa. Todavia, às vezes preferimos viver do passado e não encarar profeticamente o futuro. Os tempos são difíceis, mas desafiam-nos ao Evangelho da Esperança.

Deus chamou-nos por meio do Evangelho (cf. 2Tes 2,14).
Como repensar o Evangelho nesta cultura?

4. Proclamar a Palavra com confiança

Cada pessoa humana tem o direito de ser evangelizada. A este direito corresponde um dever de evangelizar: *«pois, anunciar o evangelho não é para mim motivo de glória. É antes uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!»* (1Cor 9,16; cf. Rm 10,14).

A evangelização só é possível quando se conhece aquele(s) a que se dirige. Gostaria aqui de citar o diário de Ety Hillesum, aquela jovem judia de Amesterdão que se ofereceu para o campo de concentração de Auschwitz: *«não chega só pregar sobre ti, meu Deus, dar-te a conhecer aos outros, desenterrar-te dos corações dos outros. É preciso abrir nos outros o caminho que conduz a ti, meu Deus, e para isso é necessário ser um grande conhecedor da índole humana»* (Diário, 289).

O grande Bispo de Milão, Carlo Martini, escreveu

com a sua peculiar sabedoria do coração: *«naturalmente que esta familiaridade com a Escritura faz parte do mistério da oração cristã: deve ser, por isso, preparada com a adoração da soberania de Deus e com a entrega confiante à acção do Espírito, o único que sabe como convém rezar. Trata-se, portanto, de um exercício não simplesmente intelectual. É uma oração que compromete a mente e o coração»*.

A Igreja existe para proclamar constantemente o único e mesmo mistério de Cristo e, por isso, na celebração da Liturgia proclama o Antigo Testamento e o Novo Testamento. A audição da Palavra de Deus constrói a Igreja e encontra em Cristo a sua plenitude.

Mais forte ainda para o Bispo, o Presbítero, o Diácono. Na ordenação episcopal, o eleito promete anunciar o Evangelho de Cristo com fidelidade e constância. Mais à frente, com o livro dos evangelhos nas mãos, acolhe o imperativo: *«Recebe o Evangelho e anuncia a palavra de Deus com toda a paciência e doutrina»*. Esta ligação sacramental torna-se ministerial, participando dela o Presbítero, que promete exercer digna e sabiamente o ministério da Palavra; e o Diácono que promete proclamar a fé, por palavras e obras conforme o Evangelho.

A proclamação, que atravessa os séculos, chega aos nossos dias porque *«a Palavra do Senhor permanece eternamente. E esta é a palavra do Evangelho que vos foi anunciada» (1 Pd 1, 25; cf. Is 40, 8)*. Com esta citação da Primeira Carta de São Pedro, que retoma as palavras do profeta Isaías, vemo-nos colocados diante do mistério de Deus que Se comunica a Si mesmo por meio do dom da sua Palavra. Esta Palavra, que permanece eternamente, entrou no tempo. Deus pronunciou a sua Palavra eterna de modo humano; o seu Verbo *«fez-Se carne» (Jo 1, 14)*. Esta é a boa nova» (Verbum Domini 1). O anúncio da Palavra cria a comunhão e gera a alegria da fé.

5. Viver em comunhão

Deus dá-se a conhecer no diálogo, que deseja ter conosco: *«Deus invisível na riqueza do seu amor fala aos homens como a amigos e convive com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele» (DV 2)*.

Na comunhão da Igreja, sabemos que o lugar originário da interpretação da Escritura é a vida da Igreja, como afirmou Bento XVI: *«De facto, a Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela. Ao longo de todos os séculos da sua história, o Povo de Deus encontrou sempre nela a sua força, e também hoje a comunidade eclesial cresce na escuta, na celebração e no estudo da Palavra de Deus» (Verbum Domini 3)*.

São Jerónimo também recorda que, sozinhos, nunca poderemos ler a Escritura, porque caímos facilmente em erro. A Bíblia foi escrita pelo Povo de Deus e para o Povo de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo. Somente na comunhão com o Povo de Deus, podemos realmente entrar no núcleo da verdade que o próprio Deus nos quer dizer.

Na verdade, o Papa Francisco diz que a missão da Igreja encarna nas limitações humanas e, por isso, *«A Igreja, que é discípula missionária, tem necessidade de crescer na sua interpretação da Palavra revelada e na sua compreensão da verdade» (Evangelii Gaudium 40)*. Não há pastoral sem espiritualidade que nasce da Bíblia e da Liturgia. Bem sabemos que a pastoral não pode substituir a espiritualidade e nem a espiritualidade pode ocupar o lugar da pastoral.

6. Algumas propostas para viver o Ano da Bíblia

Além do que habitualmente se faz em cada Ano Pastoral, propomos:

- a) Uma Bíblia em cada Família cristã;
- b) Criar nas IPSS'S católicas (Cáritas, Fundações, Misericórdias, Lares e Centros Sociais Paroquiais), A Hora da Bíblia ou Bíblia para Todos. Um tempo onde se

lê uma passagem bíblica, com o objectivo de oferecer um contacto directo com o texto àqueles que não sabem ler, ou têm dificuldade, levando o ouvinte a partilhar a sua experiência espiritual com quem o visita;

c) Uma semana bíblica nas Unidades Pastorais;

d) Continuar ou incentivar a Lectio divina nas Unidades Pastorais.

e) Fazer a procissão de entrada com o Evangeliário ou Leccionário, pelo menos em alguns momentos do Ano Litúrgico, solenidades e dias festivos.

f) Nas aulas de EMRC, usando os meios e técnicas de outras disciplinas, convidar os alunos a escolher, reflectir e desenvolver um trabalho com tema Bíblico, por exemplo pintar um personagem ou cena bíblica. No final fazer uma exposição com os trabalhos;

g) Uma peregrinação de estudo e retiro a Israel, uma parte da Terra santa bíblica, conhecida como o “quinto Evangelho” de modo a passar o texto do abstracto à geografia concreta e desta reflectir sobre a Palavra de Deus;

h) Um retiro aberto de um dia com o Evangelista do Ano, S. Marcos;

i) Um dia de estudo sobre a Dei Verbum, a Constituição do Vaticano II sobre a Divina revelação;

j) Convidar os fiéis para que no dia de Páscoa tenham a Bíblia aberta no Evangelho correspondente, pelo menos no momento da visita pascal. A cruz que recebemos em casa é testemunhada pela Palavra de Deus.;

k) Promover a formação bíblica, litúrgica e técnica de leitores da Palavra nas comunidades.

7. Vida consagrada e a Palavra

A vida consagrada «nasce da escuta da Palavra de Deus e acolhe o Evangelho como sua norma de vida» (*Verbum Domini* 83).

Esta forma de vida pressupõe uma relação vital e

de profunda intimidade com Cristo “sumamente amado”. Trata-se de um constante renascer vocacional. O Papa Francisco convida todos os cristãos a «*renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de o procurar cada dia sem cessar*» (*Evangeliium Gaudium* 3). Por isso os consagrados necessitam de perseverar numa sólida vida espiritual, para a constante descoberta daquele rosto divino que os seduz e entusiasma. E a Palavra de Deus «é a primeira fonte de toda a vida espiritual cristã» (*Vida Consagrada* 94).

Já o decreto conciliar *Perfectae Caritatis* recomenda aos religiosos que «*tenham todos os dias entre mãos a Sagrada Escritura, para que aprendam, pela leitura e meditação, “a eminente ciência de Jesus Cristo” (Fil. 3,8)*» (PC 6).

A aprovação dos textos legislativos dos Institutos de Vida Consagrada segue o critério de que sejam fortemente inspirados na Sagrada Escritura e por ela suportados. Eles não são mais do que uma interpretação do próprio Evangelho, adaptado aos tempos, às circunstâncias e aos carismas específicos de cada Fundador que o soube ler e interpretar sob uma determinada moção do Espírito Santo.

Sob a proposta do Papa Francisco, no ano 2015 a Igreja dedicará uma especial atenção à vida consagrada. Esta vocação é como que um ícone profético para o povo de Deus que peregrina na vocação à santidade. A Instrução *Partir de Cristo* recorda que «a santidade não é concebível senão a partir de uma renovada escuta da Palavra de Deus. (...) É lá, com efeito, que o Mestre se revela, educa o coração e a mente. É lá que se amadurece a visão da fé, aprendendo-se a olhar a realidade e os acontecimentos com o mesmo olhar de Deus, até se chegar a ter o “pensamento de Cristo” (1 Cor 2, 16)» (*Partir de Cristo*, 24).

A meditação da Palavra de Deus, quer feita individualmente, quer feita comunitariamente, de um modo

espontâneo ou celebrativo é, juntamente com a Eucaristia, um manancial constante para a comunidade religiosa, um meio privilegiado para fortalecer os laços fraternos, comprometendo a cada membro no mesmo ideal, rumo a um só coração e uma só alma, porque promove a escuta, favorece o discernimento e alimenta a necessária conversão contínua. Nela os consagrados alcançam a força e o dinamismo que transborda na sua acção evangelizadora e nos gestos de caridade e de solidariedade cristã a que se dedicam. Aliás, eles estão especialmente chamados a tornar-se um Evangelho vivo pela sua adesão a ele com todo o coração, pela forma de se configurar com ele, de o viver, de o expressar.

Aos consagrados pede-se que vivam e testemunhem mais o carisma recebido à luz da santidade da Palavra de Deus, que às ocupações das estruturas dos seus Institutos de vida consagrada.

8. Senhora da Palavra

Maria é a casa da Palavra e o seu seio acolhedor porque, Maria desde a Anunciação, não põe barreiras aos sonhos de Deus.

Maria é a realização perfeita da reciprocidade entre a Palavra de Deus e a fé. Desde a Anunciação ao Pentecostes, vemo-La como mulher totalmente disponível à vontade de Deus. É a Imaculada Conceição, Aquela que é «cheia de graça» de Deus (cf. *Lc 1, 28*), incondicionalmente dócil à Palavra divina (cf. *Lc 1, 38*).

Maria viveu a Palavra em família e na família. A família é o lugar do acolhimento da Palavra e a escola do Evangelho. A preparação para o Sínodo dos Bispos sobre os desafios pastorais da família no contexto da evangelização, recorda: «*O anúncio da Igreja sobre a família encontra o seu fundamento na pregação e na vida de Jesus, o qual viveu e cresceu na família de Nazaré, participou nas bodas de Caná, nas quais enriqueceu a festa com o primeiro dos*

seus «sinais» (cf. Jo 2, 1-11), apresentando-se como o Esposo que une a si a Esposa (cf. Jo 3, 29). Na cruz, entregou-se com amor até ao fim, e no seu corpo ressuscitado estabeleceu novas relações entre os homens. Revelando plenamente a misericórdia divina, Jesus concede que o homem e a mulher recuperem aquele «princípio» segundo o qual Deus os uniu numa só carne (cf. Mt 19, 4-6), mediante o qual - com a graça de Cristo - eles são tornados capazes de se amarem para sempre e com fidelidade. Portanto, a medida divina do amor conjugal, à qual os cônjuges estão chamados por graça, tem a sua nascente na “beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado”, coração do Evangelho» (Sínodo dos Bispos 2014, Instrumento de trabalho 2). Os esposos são para os seus filhos os primeiros anunciadores da Palavra de Deus.

A Virgem peregrina de Fátima estará na nossa Diocese de 12 a 26 de julho de 2015, no âmbito da peregrinação a todas as Dioceses de Portugal no caminho preparativo para a celebração do centenário das aparições em Fátima. Na diocese de Bragança-Miranda está bem viva na memória de tantos fiéis a marcante visita da Virgem peregrina de 1 a 17 de junho de 1949. A Senhora de Fátima é a Senhora Mensageira da Boa notícia do Evangelho da Esperança! Ela é exemplo de fé à escuta da Palavra de Deus, como a saudou o Papa Paulo VI: «Virgem ouvinte, que acolheu a Palavra de Deus com fé».

Conclusão

Só no encontro com Jesus Cristo, especialmente pela leitura, oração e meditação da Palavra de Deus, é que podemos enfrentar a situação actual da vida. Esta comunhão com a Palavra faz-se bem na comunidade cristã, porque cada pessoa poderá ler a Bíblia sem reducionismos ou fundamentalismos. A Palavra faz-nos mais Igreja-comunidade.

Temos de redescobrir a relação pessoal e comuni-

tária com a Palavra de Deus. Todos os batizados devem ser iniciados na escuta da Palavra de Deus. Isto tem de exigir um novo estilo de catequese e de formação cristã, especialmente na preparação dos sacramentos, centrada na Palavra de Deus. Uma boa pedagogia será a *Lectio divina*, pois «a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem» (DV 25).

A maioria das crianças, jovens, adultos e os mais idosos das nossas comunidades paroquiais necessitam de experiências de maior familiaridade com a Palavra de Deus, aprendendo a ler os textos e a interpretá-los na unidade da Igreja. É preciso que todos entendamos que a Palavra de Deus é o próprio Cristo que se revela. Jesus Cristo é o Evangelho de Deus. Por isso é que a evangelização não é uma escolha da Igreja, mas uma missão.

Cada um de nós aprenda a ler e a viver da Palavra e a conhecer cada vez mais o rosto de Deus nas palavras de Deus, como exortava S. Gregório Magno: «*aprende a conhecer o coração de Deus na Palavra de Deus*».

Desejo cordialmente que este Ano Pastoral na nossa Diocese seja uma oportunidade feliz para podermos amar cada vez mais a Palavra de Deus e que cada um de nós, consoante a sua vida, vocação e missão, possa ser anunciador da Palavra e dizer «*Faço tudo por causa do Evangelho*» (1Cor 9, 23).

Somos todos confiados a Deus e à Palavra da sua Graça, por Maria, a Senhora amiga da Palavra!

Catedral, 22 de Agosto de 2014, Solenidade de Nossa Senhora das Graças

+ José Manuel Garcia Cordeiro
Servidor do Evangelho da Esperança